



UMA ARQUEOLOGIA DAS ENCRUZILHADAS: A Exunêutica como epistemologia.

Cícero Ney Pereira de Oliveira¹; Cláudio Baptista Carle²

Universidade Federal de Pelotas - ciceroguarany@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas - cbcarle@yahoo.com.br

1.INTRODUÇÃO

A proposta desse trabalho parte de observações do ser e estar no mundo a partir das possibilidades multidimensionais das encruzilhadas de Exu, bem como os lugares de representação dispostos em casas tradicionais e culturais de matriz africana, na capoeira e em muitas outras representatividades da ciência negra. Através das traduções que emergem dessas encruzilhadas busco dispositivos antirracistas e anticoloniais para interpretação de dados arqueológicos.

Nesse trabalho escolhi as potencias e possibilidades dos caminhos e encruzilhadas de Exu para constituição do conhecimento. Reivindico como abertura de caminhos para essa travessia textual questionamentos feitos por Makota Valdina, Vanda Machado, José Jaime Macedo Freitas e Luiz Rufino, esses cada um a sua maneira são personalidades que escarafunchando o embaralhamento de signos da linguagem de Exu foram capazes de produzir perguntas que nos fazem esquivar do esquecimento propagado pelo colonialismo. Essas e esses junto a tantos outros e outras, são aqui chamados para nos fazer lembrar que outros caminhos epistemológicos são possíveis. Assim, nos cabe, a partir do diálogo com as suas representatividades atarmos respostas responsáveis, e ações comprometidas com a vida e o mundo que nós envolve.

2.METODOLOGIA

Nos trabalhos preliminares dessa pesquisa, apliquei a metodologia de entrevistas a interlocutores dos citados praticantes de religião cultural e tradicional de matriz africana e capoeiristas iniciados/praticantes de religião ou não. Os registros foram



feitos através de anotações em caderno de campo e gravações audiovisuais, também fizemos levantamento de fontes escritas.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Rufino (2016), as potências assentes em Exu são como força motriz capaz de produzir um atravessamento nos padrões de poder/ser/saber instituídos pelo colonialismo. Isso se dá, uma vez que, o mesmo é o elemento que versa acerca de todo e qualquer ato criativo, inclusive no que tange à capacidade de reconstrução dos seres.

Nesse sentido as lentes que me direcionam para as encruzilhadas de Exu como caminho epistemológico, me possibilita perceber os entrelaçamentos da capoeira e dos terreiros como dispositivos de interpretação na arqueologia, uma vez que as ideias centrais das articulações paradigmáticas que percebi na capoeira e nos terreiros que são o saber popular através da oralidade como formas de comunicação do ser e estar no mundo, práxis, que pressupõe a mobilização da consciência, e um sentido crítico que conduz à desnaturalização das formas canônicas de aprender, construir e ser no mundo, são pontes que se entrelaçam com a minha proposta no fazer e pensar arqueológico.

O reconhecimento do outro como si mesmo e, portanto, a do sujeito de investigação como ator social e construtor do conhecimento, essa multiplicidade de vozes, percebida na capoeira e nos terreiros, a meu ver se traduzem em ações epistêmicas que rompem com a perspectiva cartesiana, e linear do eurocentrismo, logo um forma de resistência. Essas formas e estratégias anticoloniais de ser, agir e estar, existentes nas representatividades dos terreiros e da capoeira, são aqui fundamentais para pensarmos uma arqueologia antirracista, descolonial, contra colonial e/ou qualquer opção epistemológica que se desvincule do pensamento eurocêntrico.

4.CONCLUSÕES

Minha posição enquanto pesquisador e fonte de pesquisa, é de não distanciamento, haja vista que como afro indígena, a ação de Colocar-me como aquele que magnanimamente permitem-se apenas ouvir o outro que não tem titulação acadêmica, estabelece uma relação de Colonialidade dos Saberes que não encontra amparo na perspectiva teórica anticolonial. A dialogia, que implica



tensão e conflito, disputa de ideias e de posições e, centralmente, postura transparente, sem subterfúgios é o nosso caminho de pesquisadores que se pretendem anticoloniais. E não poderia ser de outro jeito. Não sou um pesquisador que se coloca apenas como participante, sou parte do meio que pesquiso.



5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RUFINO, Luiz. **Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas**. Revista Antropolítica,nº 40, Niterói, 2016.

MACEDO, José Jaime. **Memórias: Reflexões descoloniais**, XXXI Congresso Alas, Las encrucijadas abiertas de América Latina, la sociologia en tiempo de cambio. Montevideo Uruguay, 2017.

MACHADO, Vanda. **Exu o senhor dos caminhos e das alegrias**. VI encontro de estudos multidisciplinares em cultura (ENECULT), Salvador 2010.

SODRÉ, **Muniz**. **Pensar Nagô**, editora vozes, Petropolis,RJ, 2017.